

Célio Pedreira lança mão da escrita como uma ponte entre os humanos, um lúcido chamado à profunda realidade das coisas simples, desta vida áspera e doce, à celebração do outro e da memória coletiva. Sua arte constitui-se numa irrenunciável carta de beleza lírica, um indispensável acordo entre a dor e a esperança, um faiscar de lua e sol sertanejos nos expedientes da escuridão.

Olhar atento e minucioso. Célio Pedreira cumpre com devoção a tarefa do escritor testemunha fraterna e solidária de seu tempo, de seu lugar, de sua gente. Um poeta que honra a poesia, essa matéria sutil de que também é tecida a experiência humana. Um jeito de dizer as coisas que nos faz lembrar uma declaração do importante poeta Pedro Terra: Não escrever nenhum verso sem o qual eu possa viver.

Neste livro, AS TOCANTINAS, reside uma poesia que encanta e comove. A esta casa-livro de portas e janelas abertas, somos bem-vindos. E nosso abraço é de sincera e pura gratidão a este poeta tão nosso e tão universal.

Paulo Aires Marinho, poeta.

Apoio:



AS TOCANTINAS

Os poemas de As Tocantinas falam sobre a gente de um lugar, sobre paisagens suspensas no tempo de antes e sobre as rachaduras da alma. As fotografias imaginárias são tiradas nos interiores do mapa e do homem.

A obra segue como o curso de um rio extinto e nela aprendemos que vigiar o entardecer vermelho é a sina do canoeiro. O sertão provido de primavera que aparece em “Goiaba No Quintal Alheiro”, “Malícias” e “Jazzmin” contrasta com as agruras de um cerrado seco no vento e no intento de ser humano: “Vem aroeira/que o machado cega/é no cerne da gente”. O luar abriga uma série de poemas azuis, quando o dia, partindo, começa a gemer e inventa de ir buscar sorriso em pedra. Em “Escavações”, são os ossos que encontram a memória dilapidada pela ausência que insiste em sobreviver ao fogo da estiagem. Na boca da noite, os versos-breu contam sobre o vaqueiro tangendo boi e outros cantos de dor.

Carolina Pedreira



ISBN 978-85-63526-57-1



9 788563 526571



As Tocantinas

Raimundo Célio Pedreira

1

Célio Pedreira

AS TOCANTINAS

Prólogo de
Pedro Terra



Poeta, escritor, músico e médico **RAIMUNDO CÉLIO PEDREIRA** é um artista plural, cuidadoso com os assuntos da vida, comprometido com a condição humana. Zeloso operário da literatura, escreve como quem afina silêncio: ocupa poucas palavras (e diz muito) grafando o imprescindível, pois que chegou para ele, como diria Alfredo Bosi, a hora crucial para todo escritor, de dizer apenas o essencial. E é a essência que perdura, desvencilhando-se da usura de todos os calendários.

Filho de Porto Nacional. Na infância, traquinou às margens do Rio Tocantins. Insubordinou os limites do quintal. Desse universo de lendas e sol e canoas e vento geral, colheu sustança nos olhos agrestes para voar mundos. Autor de vários livros de poesia e crônica. Compõe a Banda Mestre André. É professor universitário.



AS TOCANTINAS

CÉLIO PEDREIRA

AS TOCANTINAS



Palmas-TO
2014

**Reitor**

Márcio Antônio da Silveira

Vice-reitora

Isabel Cristina Auler Pereira

Pró-reitor de Pesquisa e pós-graduação

Waldecy Rodrigues

Diretora de Divulgação Científica

Michelle Araújo Luz Cilli

Conselho Editorial

Airton Cardoso Cançado (Presidente)

Christian José Quintana Pinedo

Dernival Venâncio Ramos Junior

Etiene Fabbrin Pires

Gessiel Newton Scheidt

João Batista de Jesus Felix

Jocyleia Santana dos Santos

Salmo Moreira Sidel

Temis Gomes Parente

Projeto Gráfico & Impressão

ICQ Editora Gráfica e Pré-Impressão Ltda.

Designer Responsável

Gisele Skroch

Projeto original da obra

Diogo Bonadiman Goltara

Revisão de Textos

Neusa Kruger, Carolina Souza Pedreira e Célia Regina Regis

Foto da Capa

Sinos da Igreja de Nossa Senhora do Carmo

por Carolina Pedreira

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins - SISBIB/UFT

P371t

Pedreira, Raimundo Célio.

As Tocantinas / Raimundo Célio Pedreira. – Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2014.

119 p.

ISBN 978-85-63526-57-1

Coleção Literatura Tocantinense, v. 1

1. Literatura Brasileira. 2. Tocantins. 3. Poesia. I. Título.

CDD B869.8117

Copyright © 2014 por Raimundo Célio Pedreira

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para
Domingas de Oliveira Negre

Dona Domingas,

Quem faz minha alma
são as boleiras do Carmo
pois sabem um mundo
com tapioca de mandioca.

SUMÁRIO

Prólogo	xv
Apresentação	xvii
Arrancho	19
Tapioca na Gamela	20
Chá de Suficiência	21
Só o Tronco	22
Desejares	23
Absolutamente Abóbora	24
Idílio	25
Principiar	26
Meninos na Ponta da Rua	27
Grota das Pombinhas	28
Cepo de Madeira ao Vivo	29
Serra do Carmo	30
Cá	31

In Situ	32
Precisão	33
Calendário de Luas	34
Fonte das Lavadeiras	35
Bulandeira	36
Faculdade das Inclinações	37
Loca	38
Como nunca Entardecido	39
Setenta vezes sete	40
Meio dia	41
Um cajueiro	42
Saga do madurecer	43
Dona Menina	44
Goiaba no Quintal Alheio	45
O sorriso da Pedra	46
Hábil Bocado	47
Apontamento Escasso	48
Lavratura	49
Manual portátil de estreitar	50
Malícias	51
Coseres	52

Versão de Otimismo	53
Quem vê querer	54
Estado de estar	55
Reza do Tempo atrás	56
Destampado	57
Acordo	58
Rede de pescar na varanda	59
Jazzmin	60
Inventário de indícios	61
Exército de só	62
Parto de ano	63
De Noites e Natais	64
Inversado	65
Um dois mil e cinco	66
Cinema mudo	67
Entrevista com o senhor menino	68
Beiradeiro	69
Quem viaja só	70
Breviário	71
A primeira vez que sonhou	72
Assentamento	73

Pinguela	74
Cerrado queimado	75
Volteado	76
Enxurrada	77
Lenha	78
Elementares	79
Oficina de ancião	80
Carta	81
Cantiga isca	82
O vendedor de ribeiras	83
Improviso em sol maior	84
Olhar de Cega-machado	85
Zinabre	86
Setembro	87
Canoeiro	88
O livro que a gente começou a ler	89
Malabares	90
O Movimento das Águas	91
Chicos	92
Vida acesa ao Sol	93
Serventias	94

Pé de manga	95
Escavações	96
O homem que não desejava	97
Ruazinha	98
Cantiga de Trabalho	99
Ensaio para um dia parvo	100
Rainha Liberdade	101
Receita de Mãe	102
Memorial	103
Ciência de Amigos	104
Dicionário de cismas	105
Rapadura	106
Infinitivo Pleno	107
Bilhete de Adeus	108
Deslabor	109
Vaqueiro de Estrelas	110
De aprender morrer	111
A Resposta	112
De um tempo onde serão necessárias as cinzas	113
Cajuí	114
Lual	115

Frações	116
Raiz de quintal	117
Proa	118

PRÓLOGO

EXPLORAR COM SENSIBILIDADE OS LIMITES DA LÍNGUA

“A poesia é o impossível ao alcance da voz”.

Com esse verso incluí num pequeno volume publicado há alguns anos, uma reflexão sobre o ato de escrever poesia. Célio Pedreira me oferece sistematicamente desde o Brasil profundo o resultado desse árduo exercício de explorar os limites da língua. Azar de quem não conhece a língua portuguesa. Essa língua única e diversa, falada nos cinco continentes, se contarmos Miami..., insuficientemente reconhecida entre as línguas cultas. Saboreada, reinventada aqui, no falar diário, no comércio de sonhos entre as pessoas para oferecer suas paixões ou desenganos...

“As Tocantinas” dialogam evidentemente com a poesia de Manoel de Barros, o bruxo do Pantanal. Mas, a diferença entre esses dois poetas das águas, além do tempo percorrido nos labirintos da loucura que por igual os possui, é que Manoel se converteu em árvore à margem daquelas águas que não aceitam contorno – ali não se define onde termina o fluxo líquido, onde a lama fecunda, onde a pedra rara – para oferecer poemas como frutas frescas de sabores inéditos. Célio é poeta de outras

águas. Essas que percorrem o dorso cristalino dos planaltos e sabem mais a areias que ao barro do Pantanal, mais à esmeralda líquida que usamos como espelho de nossas aventuras e desventuras. Ele nos oferece a vertigem dos versos imprevisíveis.

Aqui lembro a frase de Oscar Niemeyer: “Na vida o que vale é o espanto”. A poesia de Célio Pedreira, a exemplo do seu inspirador, substantiva verbos, age sobre os objetos que descreve, alterando-lhes a natureza e a sintaxe. Cria uma sintaxe nova. E leve. Os rebocos escalavrados dos casarões coloniais do Porto observam... e capturam a luz fugidia da tarde num verso impossível. A seu modo, Célio trabalha para alargar os limites de expressão da língua. Essa será talvez a herança mais duradoura do poeta.

O mestre Alceu Amoroso Lima – Tristão de Athaíde – numa página escrita no último quartel do século XX definiu os poetas em duas categorias: os poetas solitários e os poetas solidários. Os que buscam a poesia dentro de si mesmos, a partir da experiência individual e aqueles que buscam a poesia no fragor dos conflitos humanos. Ambos valiosos, ambos indispensáveis para a literatura. Eu situaria Célio Pedreira numa terceira categoria: a dos que buscam – e encontram – a poesia no exercício temerário da língua. Sem deixar de identificar-se com as categorias do mestre. A literatura brasileira necessita desse exercício.

Brasília, outono de 2014.

Pedro Tierra

APRESENTAÇÃO

As *tocantinas* reúnem cem poemas escritos nos últimos quinze anos. É mais um capítulo da poesia do autor, que publicou, em 2002, a primeira obra poética. Essa nova coleção de poemas traz a quietude de uma chaleira sobre o fogão à lenha esquentando água para o café. “Arrancho”, poema que inaugura o livro, marca um tom que perpassa toda a obra, o de um otimismo brejeiro, quase triste, que aprecia o invisível e encontra no prosaico matéria de poesia. O tempo diurno, emaranhado de afazeres comuns como cozer, ouvir um passarinho distante, amanhecer ou parir, nos convida a trazer o dia para dentro e levar a vida para fora. São nesses poemas solares, como “Meninos na Ponta da Rua”, que encontramos velhos amigos e observadores silenciosos: “Rebocos assistem a rua/soviando cores/e tontos de luz”.

Os poemas de *As tocantinas* falam sobre a gente de um lugar, sobre paisagens suspensas no tempo de antes e sobre as rachaduras da alma. As fotografias imaginárias são tiradas nos interiores do mapa e do

homem. A obra segue como o curso de um rio extinto e nela aprendemos que vigiar o entardecer vermelho é a sina do canoeiro. O sertão provido de primavera que aparece em “Goiaba No Quintal Alheiro”, “Malícias” e “Jazzmin” contrasta com as agruras de um cerrado seco no vento e no intento de ser humano: “Vem aroeira/que o machado cega/é no cerne da gente”. O luar abriga uma série de poemas azuis, quando o dia, partindo, começa a gemer e inventa de ir buscar sorriso em pedra. Em “Escavações”, são os ossos que encontram a memória dilapidada pela ausência que insiste em sobreviver ao fogo da estiagem. Na boca da noite, os versos-breu contam sobre o vaqueiro tangendo boi e outros cantos de dor. Avesso ao ávido, lento, o luto atua em “Aprender a morrer” e “De Um Tempo Onde Serão Necessárias As Cinzas”. Mas, a lamparina sobre a mesa e as contas do rosário acendem a madrugada até desembocar nas manhãs. Uma alegria antiga vem passear em “Receita De Mãe” e inscreve traços de esperança em “Rapadura”: “Essas mãos atando linhas de horizontes/sossegam um tecer de dores idas/para indagar doces esperas”.

Escrita sob a sombra de um cajueiro, *As Tocantinas* compõe um inventário de imagens sobre a paciência. São poemas para ouvir o lamento das margens submersas do Rio Tocantins, por isso, também, são poemas sobre onde as coisas dormem, talvez, “para ver como acordam”.

Carolina Pedreira

Arrancho

Dia que a gente precisa ser ipueira
lavar as minúcias
depor as margens
esconjurar estreitos.

Dia que precisa vir sem divulgar
perder tempo em nada
esbarrar nos derradeiros
encontrar nós.

Dia de bestagens
alargar os efeitos
malinar nas gasturas
judiar sem doer
precisa.

Tapioca na gamela

Eita que esse destino de furupa
guarnece a brasa e o tição
o forno de assar o bolo
alvura que ama a tapioca na gamela
amassando a vida com as mãos
pois a festa é certa
quando certo o pão.

Chá de suficiência

Recolha uma beira de córrego
deixe descansar a sombra para curtir.

Tome um punhado de caminhos
desses bem indiferentes
e põe a coar em almas de algodão.

Apanhe dois brejos alegres
e uma chávena de boca-de-noite
para amaciar lajedos.

Ao cerrado branco
junte tudo num vão de luar
e deixe descansar
até o amanhecer.

Sorva em jejum.

Só o tronco

Por haver encerrado a força
deixa as primaveras assim
perpetuadas em anéis
como penhor de suas nascenças
e a crença que pode prosseguir
como silêncio sem flores.

Desejares

Quando o sol visita
o silêncio do meio-dia
as redes gemem nos armadores
num quarto de penumbras e frestas agudas
o sertão embala seus filhos ausentes.

Geografia de rios enterrados pulsa
sob os quintais baldios de esperança mesmo
que continuam saciando mangueiras
para manter acesa a sombra morna
dos filhos que conservam nos licores e
aguardentes.

O pé de cega-machado tudo sabe e vê
que prumo é invenção de torto
áspero é ofício de resistência
ninguém lança suas sementes
mas nascem e continuam cerrado nos filhos.

Absolutamente Abóbora

Valentia tenra
rasteira e branda
bordando o cerrado
a renda avança
barganha com o roçado
cativa monturos
usa e desusa o sol
sustentando doce
no sal.

Idílio

Estava andorinha cedo
e um dia com feição de vindo
já confessava aurora.

Lá pelos gerais daqui
um gris obtuso vadiando
e devagar
vi seu olho vir
estrondo quieto.

Ventinho ligeiro
fez um azul animoso
mas choveu manso
assim de manga.

Pingos acordando a terra
nem escorrem
só chupam seus limites.

Saltei no estio
e fiquei gastando
um cheiro novo de chão parido.

Principiar

Para uma manhã aqui
não cabe dissimular
ou é verdade
ou não é para sempre.

Meninos na ponta da rua

Solzim rude
e nos baldios
o mato rindo
trepando adobes
desejando o oitão.

Tarde fazedeira de nada
e um céu calado
cunhando o dia nos quintais.

Rebocos assistem a rua
sovinando cores
e tontos de luz.

O cortejo oculto
das formigas de fogo
desenfiando a terra.

A vista alcança
perto do ermo
um rio
e os meninos vão.

Grota das pombinhas

Caminho de grota
maioria é calado
remói terra de quintal
aflora na rua quando quer
e vai rezando no rumo do rio.

Caçoada de grota é ladeira
fiapo d'água na pedra
margem capilar
nem farta
nem sovina
só passarinho.

A grota das pombinhas
hoje lamenta cimento
agoniza lodo seco
ou empresta a tarde para as larvas
como suspirar de nada.

Cepo de madeira ao vivo

Transversal silêncio
as raízes de ar
os meninos de plástico.

Serra do Carmo

Um céu de tanta beleza
não cabe dentro de um luar
que vai brotar hoje
na serra do carmo.

Cá

Enquanto houver silêncio
haverá poesia
e gente
cavoucando o dia.

In situ

Fez alentececer o andar
para somente residir no olhar
aquelas celebrações de âmago
essas que vicejam sós e não findam.

Como os lados permanecem chamas
necessito acreditar em vértices
e pontos de interrogar-me duram
indulto de quem sinistra.

O lugar atende até um amplo
mercê dele me adejo
designativo de sertão.

Precisão

Esse luar de hoje
faz um silêncio tão vasto
que acredito em vida sem verbo.

Calendário de luas

Espalhe o dia
na distância dos vazios
se um grão vingar
eis a profundez.

Foi assim que surdiu
a vocação do voar
e promover reparação
nas linhas
de horizonte escasso.

Tanto tornou
que fez decotar
o que fosse longitude
para estar
parto.

Fonte das lavadeiras

Água nova passa
aliciando as pedras
no leito de clarear as almas.

Acorremos em lavadeiras
investigando as máculas
com mãos causticas
espiando alvura.

Memória morena
mulher serena
que quara nossos porões
e estende a vida ao vento
desaconselhando as sombras.

Tábua de bater
no lombo de nossas nódoas
em fonte lavar.

O que estanca incomoda.

Bulandeira

O braço
rompe a roda
a roda
vira o ralo
o ralo
na raiz da fome
farinha.

Faculdade das inclinações

O tempo ajustado para os quintais
é suposto entre calmo e manhã
desses que lambem em sol
que estimam alvura.

Foi aqui que eles colocaram a gabar
ora os pés de adverso
ou sombras do inverso
como imitar de nascer
com nossos alheios.

Loca

Das dores que trago
a mais de dentro
é a mais doce e serena
é a dor que me ordena
dizer que sem rio
eu não me refugio em profundez.

Como nunca entardecido

Observe aquela renda
tecida do chão ao ocidente
com matiz de anos.

Acabamos de fazer gritos nela
e prendemos com cuidado
colhemos os prontos
outros trançamos com força.

A tarde disse que não tardava
e a gente deitou à tarde na mornura
para abrasar essa noitinha
e fazer resultar satisfação
essas de iguarias.

Setenta vezes sete

Incumbe aqueles velhos interiores
com o recorrer das manhãs.

os caminhos de apuros
embarços de cipó
os enredos sem ingresso
incumbe de manhãs.

Reaver os árduos
o atinar dos aços
as fornalhas desprovidas
incumbe de manhãs.

Para a astúcia das corredeiras
deixa o rio remir seus leitos
e os portos
incumbe de manhãs

Meio dia

Melhor trilha de morrência
nessa beira de rio
é estar-se rede
de quieto balançar.

Os calangos no quintal
a rala sombra do pé de mamona
imóveis a pulsar a terra.

A vida esconde
numa pausa morna
breve e boa.

Silêncio melhor para o nada
feito querer ausente
e a cidade dizendo um solapino.

Um cajueiro

Podemos começar a recontar o tempo
pela sombra das árvores em nossos sóis.

Saga do madurecer

Jeito estreito
esse de rejuntar os olhos no peito
para abarcar inteiro
o que foi longe
o que for remate
o que faz acaso
e agora vem
ser prudente manhã.

Dona Menina

Urge uma cantiga
de deitar com diligência
nos depositários da feição.

Abotoar uns ornamentos
esses de dispensar sacramento
de sustentar estado de flor.

Dispor zelo
mesurar-se
em hóstia de celebrar ardor.

Então propenso ao azul
oferecer-lhe asas.

Goiaba no quintal alheio

Derruba muros
o estado de meninos
deambula vergas
equilibra na ponta
mais arriscada e mais doce.

Tem uma esquecida lá
de vez
que grita (...)
- Me vem!

- Ouviu?
É a voz do marimbondo
sujeito com razão de flor
e chegou primeiro no lá
onde a fruta ferroa.

O sorriso da pedra

Calcula um caminho angular naquela linha
ninho de pousar os passos
guarnecer os bambos
e olhando em só
cobiça o preciso.

Fica a observar atentamente o bando
riscando rasantes astutos
enviando assobios em vem.

E vai
afoitar-se nos rudimentos de sustentar
além das linhas que esticam o ninho
quando desamparam as asas
e repentinamente o chão
a pedra
o riso decrescente
de principiar andar.

Hábil bocado

Acometido de cedinho
apanho arestas no brejo perto de casa
para a autoria das lascas
algumas cruas
outras desabridas.

Vem congregar um cheiro de vagar
escorrer esboços
diz-se assim desossar
ressorver vincos
e aliviar nossos inertes.

Apontamento escasso

Chega esta tarde
como vírgula prenhe
inclinada em memorial
para alastrar sua falta
como necessária noite.

Diminutivo saio
para não aluir
na aptidão das lágrimas
ou entro enfermo no verso
para abrir outro lado
que esse clamor não cabe.

Lavradura

O encargo da palavra
tem me deitado vesgos.
Onde boca
encontro ermos
onde mãos
pedra
e quanto mais me abrigo
mais alargo
os intentos
que dão no porão.

Manual portátil de estreitar

Dentro da rua havia as esquinas
eram poucas
quase nem regavam além da gente
soleira pedra portão.

Está faltando alguém
talvez não venha
e a ladeira a nos olhar
deixa subir com tarde
lenha casca cerne.

Já vamos
como angular viver
e ter que tornar
caminho cunha quina.

Malícias

Mimosa no artifício dos ermos
a semear planura nos vãos
arregala-se suave e nascente.

Uma maciez de espinhos a lhe guardar
o que sejam ardis
astúcia de flor
e nem sangram.

No caminho das fontes
equilibrando os enleios
crescem-me em bandos belos
umas cantigas
outras segredos.

Coseres

Nos retalhos abranda seu caminho
esculpindo de olhares as partes
ou estampa par e ímpar
mas perto.

Dura descampados nessa feitura
de alçar
de enraizar
até arvorar.

Certo que se acode
alinhava o pouco tão junto
que aprecia dizer
companheiro.

Versão de otimismo

Gostava de fincar a vida nos ocos
provando vãos
e quanto mais fundo
mais as nascentes.

Principiava entranhar-se
livrando os queixumes
subtraindo prudência
se pudesse escapar
nascia.

Rogar pelo embaraço
e encontrar nó
desvestir o nó
para saber fundar a linha
equilibrar.

Quem vê querer

Estava comum
quase tangente
quando resolveu fender com a janela
seus olhos em disparate.

Seu cego abandonou o nó
desacreditou a cinza
e fez-se abrasado
como à toa faz.

Estado de estar

Vigio a ocupação do longe
tangendo-me
como procurar encaixo
para estar canoa e asas
gracejando um ir.

Mas essa margem resmunga
longe é lugar de não estar
e diz querer-me para raiz
pessoa de valimento fundo.

Segue assim cego
o longe cru do cerrado
e outras corredeiras irmãs
no rumo das serras de nuvens
levando remo e vento
mas deixa a mira.

Reza do tempo atrás

Assim ajustando as portas do tempo
minha avó a esculpir
fortificando
com um macio generoso nas mãos
cada menino e menina nos olhos.

Quer dizer que todo dia
é predisposto a trama dos caminhos
de minha avó e dos nós.

Demora o tempo de aplainar a vida
mas minha avó tem tempo de temperar
com pitada de risco
os limites impossíveis dos quintais.

Destampado

Uma porção de cidreira
a remendar o passo
com solenidade de luz
onde me gotejo em manhã.

Esperança parideira
essa que chama para pavio
nossos úmidos.

Decorro estrume
para o indício da semente
que o passarinho aceita ser
além desse quintal
o dia bulido de abrir.

Acordo

Ajusta uma manhã
com graça de comadres
para caber mais cantiga
e me desenvolver em cuias
de juntar alegria.

Por causa do cedo
o terreiro é melhor
espiando um clarear
que desabotoar diz.

Igual será a noitinha
obtida dos sapos
em úmido generoso
a botar horas no colo
para quem vela
a lua fiar orvalho.

Rede de pescar na varanda

Estava miúdo
numa oração de musgo
calafetando olhar
nos pés do muro.

Assim conluio em doses
de lugar nenhum qualquer
e alguma tarde.

Desiscar uma rede
dessas bem atadas
na ceva da atoice
gasta ontens.

Como continuava armada
nem carece ser
só ficar de arдил
que a espera vem.

Jazzmin

Um improviso a suprimir silêncios
abre subterrâneos de varandas
e vara no itinerário do dentro
em desgoverno bom de ser.

Agasalha florzinhas em arpejos
e a voz dos haveres brandos
no colo quieto dos aromas
faz morada nos graves
pendurando a tarde no tempo.

Inventário de indícios

Decerto é pedra
mas com algum astúcia
dessas de conspirar
reúnem-se cunhas
para atalhar pisaduras.

Um golpe e a gente
desvira bicho de chão
deserda das cancelas
para aprumar a asa
alvejar as nódoas
e cortejar por inteiro
o proseio dos vaqueiros
as lavadeiras em cantiga.

Era assim desde menino
que o pente da memória
nos assenta como herança
o fermento dos ermos.

Exército de só

Capaz de afiar os olhos
nos vergéis da alma
para aprisionar o tempo
deixar-se sem pulso.

Derrotar a chave
que abre os geraes
e não calcar caminho
quebrar-se em um.

Parto de ano

Quietude escorrendo
e a madrugada do primeiro dia
repousando um solzinho em conserva
que a gente até parece todo.

Assim parimos um ano
com cheiro novo de luz
acordando nossos breus.

De noites e natais

Além das estrelas
dos orientes
é possível tingir
uma colheita de luar
para estas noites
dos sóis
que somos.
Rogar de pronto
pelos vão fechados
de veias abertas
da gente que espreita
um amanhecer.
Desencardir o voar
ruir limites
alcançando no escuro
os próprios olhos
de nossos amargos.
Quando enfim
sentir planger o dentro
dizer em festa
que vamos plantar
a muda de sonho
outra vez.

Inversado

A sanha do verso
não cessa o bulir
com seus dedos em viola
na cumbuca dos inversos.

Depois assunta
com silencia de jia
e sem mesura
verte no sibilino
uma gaitada rasa
para abreviar o rumo.

Um dois mil e cinco

Ventando umas rasteiras
no quintal das andorinhas em febre
e na cara dos equilibristas.

No colo do dia o caos e a cal
lambendo os lutos
aquecendo pulsos escusos
com as desusadas brasas
das primeiras manhãs.

Alguém vem avisar correndo
uma fumacinha após o túnel
e a gente levanta os olhos
de esguelha.

Cinema mudo

Trazia na dianteira
a vida crua
juntada em rascunhos
que nem deu aviar
mas seguia em andar.

Escuro é gume
cada um em sua película
depois outros
como herança de vela
a refazer frestas.

Um espasmo aqui ali
a estocar a boca
com fortificantes secretos
de abrir risos
no precisar ir
como nos fins.

Entrevista com o senhor menino

Sabia a ocupação dos grãos
no estreito das ampulhetas
em tempo de desmedir dias
de cantiga entoada
sempre uma oitava acima.

Experimentava vértices
de madurar as madrugadas
para depois aviar delicados arpejos
no chão de cada novo e único andar.

Evoluía-me com seu silêncio raiz
a dançar descabendo o corpo
de apurar os traços da aurora.

Beiradeiro

Rio de mim
que alinhava redes
para apanhar faz-de-conta

Quem viaja só

Léguas tragando o caminho
e a noite a jorrar
um zunzinho bom (...)

Uma hastezinha de lua
alinhava o ciano
em pano de conluio (...)

O lugar de chegar
nunca aparece
nem carece.

Breviário

Para verso de espiar
carece um pétaqui
e outro pétala.

A primeira vez que sonhou

Deu de alcançar as cumeeiras
olhos em ramas
cuidadosamente postas
no íngreme das horas.

Ilusão vasta
delicada renda
de tecer asas.

Pulsavam chãos
e a raiz
rompia o gesto
mas não alcançava palavra.

Janela e longe eram iguais
aparavam alvos
itinerários
como sorte de quem trilha
o nascente imaginário
da alma tenra.

Assentamento

A bandeira no rancho
aprende um sertão
além das geraes
na lida coletiva das candeias
ensinando que o junto
clareia mais
que é diverso o caminho
e o verso é colher.

A mão no úbere
tateia o um
ordenha manhãs de muitos
onde a teimosia
não se mede em alqueires
mas em sonhos.

Pinguela

Antes da gente
era a curva do rio
cuidando as lonjuras.

E a gente
simples andorinhas
passíveis de azul
na tarde veloz.

Bulindo em correntezas
como fosse hábeis sem rumo
ou esquecidos dele.

Ainda dissipa o dia
e seu aroma desenterra-me
em conta-gotas
nas inumeráveis utopias
que descuidei nosso rio.

Cerrado queimado

As cinzas
ardem a manhã.

Do inverso
faz-se o sol
como noite
sem madrugada.

Gemem
as raízes
por suas sementes.

Órfão
um vento sem norte
remove o luto
para não dizer
morrer.

Volteado

Peguei a ser novo
por conta dum cajueirinho velho
que deu de por flor e castanha
nesses tempos danados.

Enxurrada

Venho admitir a vida
pelos flancos
confidenciar-lhe os bueiros
renascer em grotas
jorros explícitos
misturando
jardins e monturos
desobedecendo o vasto
para juntar
estreitar com força
as águas que descabem
nossas recônditas tempestades

Lenha

É hora como antes
de recolher escuro
antes que treva
inventar fresta.

Acordar arvoredo
na ausência de seiva
ensina ranger.

Sorte de brasa é arder
dizer um ai bem longo
e resistir rubra
entre as cinzas.

Vem aroeira
que o machado cega
é no cerne da gente.

Elementares

Onde espera lua
espiga poesia.

Onde flor
o amor denuncia.

Nós passarinhos
no ninho.

Onde solidão
nem.

Oficina de ancião

Ampara a noite
para ocultar chama
além do olhar
pois é muito arriscado
durar-se.

Carta

Amigo
abrigo-me ao som das cigarras
pois o jugo do tempo escapa
aos olhos de quem cisma.

A saudade no interior
medra um lume morno
possui latência
e as luas carecem dela.

Mas venho lembrar
do cisco no olho
que a casa dos anos
insiste em passado
mudando as esquinas
onde a gente vigiava
o primeiro de maio
nós e os panfletos
os gritos são lágrimas ainda.

Um abraço, amigo.

Cantiga isca

Convém desabotoar
uma cantiga leve
que acorda riso
como pendão de arroz
dedicado em passarinho
fazível com transparente.

Quisera alinhar
uma cantiga doce
para morar seus olhos
e aviar com lua crescente
uma rede delicada
de pescar manhãs.

O vendedor de ribeiras

Atende ao benefício das esperas
quem lança seu aproximar em vagar
ocasião de esticar a vida
ou estar disponível para profundo.

E pouca largura basta
quando o escasso é tudo
atraído para as águas
rumo assim sem norma
trago para seu curso.

A regra do sertão de ribeira é diversa
léguas engolem as margens
e dentro delas alegrias mágicas
meninos se descobrindo espécies
canoas carecendo remar.

Tudo lhe vendo já
se for de gosto
atender aos outonos
de nossos cemitérios submersos.

Improviso em sol maior

O verbo descabe a língua
cada sulco canta-se só
como necessária luz
de inventar e crer
que além do sol
o brilho do olhar é
feito de único.

Olhar de Cega-machado

Provindo de ermo
sem arrogância alguma
até sem visitar vergel
desperta a solidão do cerrado
num louvor inevitável de alegria
em cor igual flor e tinto
pois que feito áspero
é belo.

Zinabre

Eram felizes para sempre
não fosse o ofício
de manter no prumo
a lua no céu
como convém aos pares.

Do fio tenso
que sustenta os olhos no ermo
nem se deram conta dos nós
discretos e cegos
repousando seus laços
nas espirais.

Setembro

Os pés da serra inquietam-se.
riscando a noite
a quente cantoria no capim seco
estalidos charros
rasteiros
chamas inteiras
de olhos vendados
dançam o escuro
qualquer pé é par
qualquer uma
ou duas
todas serão cinzas
nos olhos píricos
escalando as escarpas
da serra do carmo.

Canoeiro

Um olhar
fica na margem do rio.
Outro olhar vai
alcançar a possibilidade
de semear estrelas
acordar horizontes.

O livro que a gente começou a ler

Deixava tão estreita a noite
que atar a rede nas estrelas
nem.

Assentei com o tempo na pedra
e ficamos.

Dos olhos escorriam tantos segredos
que era necessário buscar luar
além.

Ardiam fronteiras entre nós
e seguimos.

Vigiava seus sonhos
como possível fosse velar e viver
também.

Malabares

As mãos dizem sim não
e vão em vãos
ensinando sementes
no itinerário dos sonhos.

Frutos sempre de vez verdes
se equilibram
feito iguais
em rotas diferentes.

A vida inquieta-se
iça e singra
sangra e estanca
branca e gris
boldo e hortelã
febril e sã
seguindo os olhos
como malabares
aos pares.

O Movimento das águas

Gosto de semente
escorrendo madrugada
dessas bem morenas
bordando um silêncio
em linha quase transparente
como aquelas de tecer horizontes.

Semente e labuta
invadem o dia cedo
para plantar também
onde ermo
onde ausência.

E nas contendidas
apenas acordam
arautos monarcas
para decidir não
sem atinar que nos multiplicam
como fontes
para saciar as águas de março.

Chicos

Percorrem rapidamente as ruas
encontram-nos quase sempre nas esquinas.
Rigor de viver.

Somos frágeis demais para esconder
reconhecem-nos pelos olhos.

Somos pela nossa voz
outra seria latir
e já nos bastam os ardis interiores.

Quem mais nos respeita
nossa lágrima
a única carícia necessária
primeira e derradeira
a cada horizonte abatido.

Vida acesa ao sol

Avisa ao ávido
que está rompendo
um rumor de sol
e vem do ermo
até a rama da melancia.

Trilha de trópico
acorda as telhas
e zanga os lagartos
desde o sertão
aos olhos do mormaço.

Pau na porteira
descansa aberto
que o silêncio é vazio
entre o miolo
e o tenro da raiz.

Assiste em flor
o revolucionário ipê.

Serventias

Aboio serve para
alargar a tardezinha
tanger o horizonte
levantar a lua
engolir o vaqueiro
e juntar o gado.

Pé de manga

Fiel aos quintais
quanto mais sem dono
mais anda igual
na boca dos homens
e dos porcos.

Oásis soberano
no solapino
lugar de arvorar-se.

Verde praticável
no estio
ou festejando chuva.

Paciência índia
nesses trópicos de machado.

Escavações

Ermo sertão
na sombra da tapera
onde adormece o tempo.

Um graveto agudo
vai cavoucando a carne
encontra um gemido
quase um caminho
que dá no lajedo d´alma.

Não é permitido romper
é necessário quebrar
o jejum dadivoso
da saudade
que encerra intacta
sua voz
olhar
afeto
ausentes.

O homem que não desejava

Enquanto a estrada voltava
espreitava-lhe os vãos semeando vazios
e esperava ainda assim uma manhã
vazia de sinos
estreita de sol
para nunca sair do lugar.
Um barulho longe
nem carecia esforço
para ouvir o horizonte
de pedras cegas e azuis.
Arriscava mapas imaginários
apagava-os rapidamente
para não sofrer de itinerários.

Interino o dia inteiro
desafiava a noite com a saudade
do lugar ausente.

Ruazinha

Afiando quinas
em canela alheia
enfeita lodo
nos estreitos do bueiro
senão desanda tempo
na memória dos muros
que gasta meninos
nas biqueiras em flor
quando desabrocham chuva
que medram comadres
nos alpendres da tarde
que espia na calçada
o cepo de sassafrás
governando tempo e pedra
descabendo os homens.

Cantiga de trabalho

Na memória da pedra canga
o labirinto de terra fez
irmãos na dor.

No latifúndio a terra sangra
verte esperança o suor na tez
cantos de dor.

Ensaio para um dia parvo

No fundo do dia
um lasso me dorme cathedral
de fazer brotar
sombra de pequizeiro
com visgo de índia
e destino de mudez cavada.

Dia nú
isca de nó
em peito estreito.

Esse tempo que verga o dia
tem por viço alargar gritos
até sumir em seiva
medrando os poros da gente.

Rainha liberdade

O céu hoje vem
esticando um breu absoluto
bom de ser breve.

Tentam nos dedos os vãos
tateando velhas tramelas
trancas adormecidas
onde qualquer passo
é par do caçoar de luz.

Penso o homem
preso de pensar
como exilar a liberdade
dos olhos do jovem
que deseja ver do chão
pé de esperança acender.

Receita de mãe

Pegue paciência
afeto e arco-íris
uma pitada de maria
misture vigília
porções de só
e miolo de alma a gosto.

Unte com luar
e leve ao nascente
em fogo brando
deixe amanhecer
todo dia.

Memorial

Parece calma
e veste vendaval
contragolpe em fogo brando
faz-se delicado.

Não carece
mas entende
o sal das horas
e nos abraça docemente
para sempre.

Ciência de amigos

O dia acendeu suas súplicas
nas terras de cada rogar
feito um plural que junta
para ser só luz de singular.

As redes tecidas de afeto
embalam novo esperançar
como o olhar dos amigos
dispondo festas no altar.

Carece-nos enveredar juntos
para a custódia dos sonhos
que o dia mandou dizer
- pode andar!

Dicionário de cismas

Um acomodar de beiras
e sol a dilatar-me.

Recebo o aviso das canoas
para desaguar o peito
mais qual
parece espesso.

Um atado na voz
e o vasto acometendo-me.

Assim vertem os dias aqui
densos de cismas
e um verdinho em recato
convidando para a teimosia
de ser plantador
nas tarefas d' alma.

Rapadura

Essas mãos atando linhas de horizontes
sossegam um tecer de dores idas
para indagar doces esperas.

A gente segue plantando moça roça
pois o necessário pão é sempre recente
quando a terra é para todos semente
como a garapa de companheiros
que se funde ao fogo das lutas
e será torrão dividido
na boca de amanhã.

Infinitivo pleno

Entre o sertão e o perto
a procura converge um aberto
horizonte desarmando os olhos
de um apreciar sem bordas
a enclausurar o longe.

Bilhete de adeus

Querida
não descuide as trancas d'alma
nem do colo os segredos
todo homem
é no fundo um regresso.

Deslavor

Para quem trabalha, bom descanso.
Para quem férias, bom descalço.

Vaqueiro de estrelas

Ouvi dos amigos
que um homem descabia-se
de tanta estrada
que bebido em força
também sofria
de poesia.

Disseram e viram
que capinava manhãs
e fazia sementes
onde havia caminhos
travoso como caju novo
doce feito parto.

O soube adiante
abrindo estrelas ao sol
para desejar
a noite passando clara
e a gente tatear
onde brota o dia.

De aprender morrer

À bica do distante
assiste feito arado quieto
como a contemplar capim
como nem necessário ser.

O sabor do calado
aquele turvar de conversa
confiava-lhe horas severas
com delicadeza de andar.

Era sempre assim ao sair de casa
a cancela misturando os rumos
os rumos se enlaçando no andar
desmerecendo as normas
desviando o olhar (...)

A resposta

Ocorre silêncio nas coisas que nada parecem
ser
daí fico observando onde elas latem
onde elas mordem.

Na maioria das vezes as coisas só dormem
teimo em ficar vigiando
para ver como acordam.
Disso respondem escritos.

De um tempo onde serão necessárias as cinzas

Ressoa cá dentro um arado
revolvendo-me
quase silêncio
meio aço.

Segue um rubor de sementes
latejando-me
quase abrigo
meio pólvora

Só desejo agora uma tocaia
acuando-me
quase alçapão
meio rebento.

Tento desobedecer aos sonhos
mas continuam ávidos.

Cajuí

Acende um sol no cerrado
o olho é um arado
de plantar você.

Belo badoqueiro encurvado
o olho cega-machado
de enxergar você.

Quero
de roxo-ipê-amarelo
enfeitar você.

Nem é melhor do que ninguém
é daqui
doce cajuí.

Lual

Luar quando cabe no olhar
a gente se desabotoa em travessia
e deixa a saudade aconselhar.

Frações

Bailam as estações
nos rosários
conta-a-conta
e as digitais do tempo são mais
de quem perdeu a conta.

Quem ficou
não passa
só escorre
pelo pêndulo
do relógio.

Bate na porta
pode entrar
ficar
balançando
nas horas.

Raiz de quintal

pareço imitando inércia
decifrando pegadas
reparando de fora
pelos lados de dentro
e bebendo mijo de menino.

Proa

Em cada remanso
outra cantiga
de lua prateando areia
a noite flutua nas águas
é cheia ou meia minguante.

Saudade vai
e volta de esporão
dói.

A dor de quem deixa a beira do rio
é voltar só.

CONTATOS COM O AUTOR:

Raimundo Célio Pedreira
E-mail: foicenova@gmail.com
Endereço: Rua Mizael Pereira, 2001
Centro – Porto Nacional – TO
CEP – 77.500-000

